y el imaginario de la globalización y la modernidad hacen de la ciudad un espacio muy fragmentado, en el que se percibe una sociedad determinada y dividida por conceptos tradicionales de clase y poder. Los dos suburbios entonces, con sus singulares habitantes, están incorporados dentro de la ciudad global por medio de diferentes expresiones e imaginarios.

Los trabajos que brinda este libro son investigaciones serias acerca de lo que acontece en la actualidad en algunas ciudades del mundo no occidental dentro de la creciente ola globalizadora. En ellos se ofrece información muy pertinente en relación a los efectos de la globalización y su estrecho vínculo con los diferentes cambios urbanos actuales. Las ciudades y sus imaginarios son temas de discusión interdisciplinaria, están en plena ebullición y se precisa cada vez más de estudios bien documentados y teóricamente sólidos que ilustren tales dinámicas. Este texto ayuda exitosamente a colmar esa expectativa.

University of Pittsburgh, Johnstown

ÁLVARO ANTONIO BERNAL

ELSE R. P. VIERA, org. e BERNARD MCGUIRK, trad. *Landless Voices in Song and Poetry: The Movimento dos Sem Terra of Brazil*. Nottingham: CCCP, 2007.

Após 25 anos de existência, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) continua como um dos maiores movimentos sociais do mundo, integrando centenas de milhares de famílias numa luta histórica contra a desigualdade fundiária no Brasil e contra um modelo de desenvolvimento agrário que favorece, à custa dos produtores pequenos e medianos e da biodiversidade, uma parceria entre o latifúndio, a monocultura, e o capital e tecnologia de grandes empresas multinacionais. As formas de mobilização desenvolvidas pelo MST nestas décadas de militância têm sido documentadas e estudadas de várias perspectivas disciplinares. Porém, ainda pouco conhecido é o papel do MST como fenômeno cultural, pela produção e mediação de artefatos culturais no movimento e também pelos usos da cultura na tentativa de sustentar um sujeito revolucionário (num momento profundamente pós-utópico no Brasil) e de re-inventar, a partir de estilhaços, uma noção de ruralidade culturalmente autêntica, isto é, uma nova tradição camponesa.

Portanto, *Landless Voices in Song and Poetry*, uma antologia bilíngue de poemas escritos por cantadores e poetas do MST, é uma importante contribuição à bibliografia, tanto em português quanto em inglês, sobre o movimento. Organizado por Else Vieira, pesquisadora de estudos brasileiros e latino-americanos na Universidade de Londres, e traduzido por Bernard McGuirk, professor de literaturas românicas na Universidade

de Nottingham, o volume junta poemas, letras de músicas, e testemunhos breves compostos por uma dúzia de militantes do MST e por alguns outros, incluindo Chico Buarque, Haroldo de Campos, e Antonio Candido, em solidariedade com o movimento. A maioria deste material já havia sido publicado em 2002 por Vieira, junto com outros textos áudio-visuais e alguns ensaios acadêmicos, no arquivo online (www.landlessvoices.org), mas este volume impresso, com o foco na expressão poética e com novos prefácios de Vieira e McGuirk, será um recurso de grande valor para pesquisadores, professores, e estudantes interessados especificamente na identidade, ideologia e simbologia dos sem terra ou em várias questões mais amplas: o papel da poesia nos novos movimentos sociais e continuidades e rupturas com a tradição de poesia engajada latino-americana; autoridade e autenticidade da voz “subalterna” e do intelectual/artista “orgânico”; e as manifestações contemporâneas do discurso revolucionário na América Latina.

Vieira organiza a seleção de poemas deste volume sob 13 categorias temáticas, incluindo, por exemplo, “Ícones, símbolos e monumentos”, “Cânone de exclusão”, “Marchas, momentos decisivos, congressos”, e “A luta pela terra: despossessão, viagens, ocupação, despejo”. Há vantagens desta organização temático-interpretativa. Mapeia as dimensões discursivas da poética do MST, assim facilitando a procura de poemas que comentem aspectos específicos do movimento. Ao mesmo tempo, há limitações, embora sejam limitações produtivas, ressaltando a questão do lugar da voz poética individual no movimento. Alguns poetas – Zé Pinto, Ademar Bogo, Aracy Cachoeira, e Charles Trocate (sobre os quais há breves notas biográficas no final do volume) – têm vários poemas incluídos, mas estão relativamente dispersos na antologia, e assim exige mais do leitor para conseguir ouvir as vozes respetivas destes poetas individuais e para diferenciá-los em termos de linguagem, pensamento, e exploração de um sujeito lírico. À primeira vista, o sujeito lírico revelado por estes e os outros poetas, e ressaltado pela organização da antologia, é em geral um sujeito coletivo histórico e não íntimo, o nós do movimento em construção. Como exemplo, Bogo comemora os quinze anos do movimento: “E a terra feita um lençol macio se estende / Oferencendo seu colo umedecido / Ainda expondo os destroços da última batalha. / Com marcas de latifúndios entocaiados / Erguem-se: homens, mulheres e meninos / Riscando com um sopro a linha do destino” (146). Portanto, são em geral poemas *sobre* os sem terra como coletividade ou sobre os momentos históricos que prefiguram o surgimento do movimento e não poemas que revelem uma experiência particular dentro do movimento, ou de viver nesta condição sócio-econômica e cultural que *sem terra* também denomina.

Mas há poemas excepcionais à esta regra, nos quais há uma exploração de um eu lírico. Aracy Cachoeira, num poema em prosa, escreve em uma voz pessoal sobre a perda de um lugar, comentando a relação entre paisagens naturais e humanas

e a ameaça da destruição ecológica: “Numa tarde, sentado num cepo debaixo da goiabeira, meu zóio arregalô quando mirei o morro em frente a minha velha casa de enchimento. / A terra numa da chapada, parecia ferida exposta sangrando silenciosa, a dor da marca da erosão” (128). Zé Pinto relata a saga de deslocamento de sua família, de Minas Gerais para as fronteiras agrícolas da Amazônia: “Meu pai já ao longe olhava pra serra / Pros pés de café que um dia viu crescer / Num pau-de-arara buscava seu chão / Pois nesse torrão nunca pode ter” (108). Outros indivíduos aparecem homenageados em duas seções que abrangem a questão do perigo mortal que os militantes muitas vezes enfrentam, “A morte como horizonte de vida” e “Massacres e mártires.” Há, na seção “Missão da arte”, poemas que articulam uma *ars poética*, uma justificativa pela arte política e uma reflexão sobre a própria subjetividade do poeta dentro do movimento. Bogo declara o acampamento sem-terra como lugar de renascimento de “Neruda, Drummond, João Cabral, Marighella, Casaldáliga”, assim identificando afinidades poéticas e políticas. Para Trocate, a poesia é um ato de inconformismo, de rebeldia: “meu poema não se cala / É cotidiano... / É um punhal, é isso mesmo / Uma necessidade” (38).

As traduções dos poemas são competentes, e em geral não caem na tentação de ultrapassar o literalismo e prosaísmo que muitas vezes predominam nos originais. Há alguns equívocos, ambos nas traduções (“xadrez” traduzido como “chess”, quando “jail” faria mais sentido) e nos prefácios (Vieira identifica os CDs produzidos pelo MST como DVDs) que poderiam ter sido evitados com um pouco mais de cuidado ou consultoria editorial, mas o volume, com uma introdução panorâmica à produção poética e musical no movimento, anotações exhaustivas para orientar a leitura dos poemas em tradução, e até algumas imagens em preto e branco, deve ser recebido como uma contribuição monumental à bibliografia do e sobre o MST. *Landless Voices in Song and Poetry* abre múltiplos caminhos para conhecer o fenômeno do Movimento Sem Terra no Brasil, ou para repensar qualquer visão já formada.

Smith College

MALCOLM K. MCNEE